

**ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: A INTERDISCURSIVIDADE NO GÊNERO  
REPORTAGEM  
BETWEEN FICTION AND REALITY: INTERDISCOURSE IN THE  
REPORT GENRE**

Glaucy Ramos Figueiredo (PPGL-UFPE/CAPES)

[glaucyr@superiq.com.br](mailto:glaucyr@superiq.com.br)

Aliete Gomes Carneiro Rosa (PPGL-UFPE/CNPq)

[alieterosa@yahoo.com.br](mailto:alieterosa@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O espaço discursivo jornalístico tem se mostrado um ambiente de subversão de gêneros e feito uso da estratégia de desenquadrá-los de seu habitat natural com objetivo de produzir determinados efeitos de sentido (Maingueneau, 2002). Isso tem sido denominado de “intertextualidade intergenérica” (Koch *et al*, 2007) ou “configuração híbrida” quando um gênero desliza para outro com diferentes funções (Marcuschi, 2008). Os acontecimentos de linguagem no ambiente do jornal marcam aspectos do comportamento do discurso e também imprimem dados sócio-históricos importantes (Maingueneau, 2008). Este trabalho examina, então, não apenas o funcionamento da língua, mas aspectos do funcionamento do intergênero e do interdiscurso, engendrando novos sentidos e novas construções históricas a partir do imaginário social. Assim, o objetivo deste trabalho é observar a interdiscursividade jornalística e ficcional na reportagem, considera a relação entre linguagem e sociedade e aborda aspectos discursivos do texto. O *corpus* é formado por uma reportagem e um conto clássico da Literatura em que se observa a interdiscursividade presente nas narrativas fantásticas veiculadas nas notícias dos jornais, possibilitando a percepção da leitura do texto de uma reportagem como um intergênero a partir da leitura de um texto compartilhado socialmente pelos leitores e produtores de sentidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** interdiscurso; intergenericidade; reportagem; conto.

**ABSTRACT:** The journalistic discursive space has been the environment of genre subversion and it has used the strategy of deframing these genres of their natural environment with the purpose of producing specific meaning effects (Maingueneau, 2002). This has been called “intergeneric intertextuality” (Koch *et al*, 2007) or “hibridy confuguration” when a genre slips to another one with different functions (Marcuschi, 2008). The language occurrences in the journalistic environment signal aspects of discourse behavior and they print important socio historical data (Maingueneau, 2008). This paper examines, then, not only the language functioning, but the aspects of intergenre and interdiscourse functioning, generating new meaning and new historical constructions from the social imaginary. Thus, the objective of this paper is to observe the fictional and journalistic interdiscursivity in the report, consider the relation between language and society and approaches discursive aspects of the text. The *corpus* is formed by a report and a classic short story from Literature in which the interdiscursivity present in fantastic narratives shown in the newspaper headlines is observed, it enables the perception of the reading of a report as an intergender from the reading of a text socially shared by readers and meaning producers.

**KEY WORDS:** interdiscourse; intergenre; report; short story.

## 1. Introdução

Pensar a comunicação nos dias atuais significa, entre outros aspectos, perceber a ocupação dos discursos e suas formas de circulação, o que mostra que lidamos com diferentes vozes sociais e estratégias discursivas que apontam para os movimentos feitos pela sociedade. Os percursos feitos pelas mídias hoje apontam manifestações sociais e imaginárias ao mesmo tempo em que instituem novas configurações textuais, mexendo com a maneira de ler os textos dos jornais. Esses eventos discursivos agregam escolhas ao tratamento da informação, instituindo novos gêneros e estabelecendo novas práticas discursivas.

Assim, notícias e reportagens de muitos jornais trabalham não apenas com a informação, mas agregam aos textos elementos literários, científicos, entre outros, os quais imprimem, nos gêneros jornalísticos, novas formas de compreender a própria sociedade, apontando sua constante mudança. Nessa esfera de atividade humana, o texto jornalístico se encontra com o texto literário tecendo um *diálogo* discursivo. Na dinâmica da leitura do funcionamento discursivo desses textos, observamos o deslocamento de gêneros e discursos que se materializam em formas gramaticais, formas lexicais, retomadas, intertextos, intergêneros, fazendo da leitura da notícia ou da reportagem uma leitura sócio-histórica. Essa leitura aponta para mudanças sociais, observadas a partir de um cotidiano cada vez mais difuso e complexo, cotidiano marcado pela violência tanto concreta quanto simbólica. Os movimentos sociais mexem também com as formas do homem lidar com a linguagem e suas manifestações.

Neste trabalho, apontamos a hibridização de textos jornalísticos tanto no plano de expressão quanto no plano do conteúdo nos textos de jornais, o que pressupõe conhecimentos partilhados. Esse confronto, essa tensão entre os gêneros, faz surgir no texto do cotidiano uma nova configuração textual, o jornalismo literário.

O *corpus* aqui trabalhado constitui-se de uma reportagem retirada do *Diário de Pernambuco*, jornal de grande circulação na cidade do Recife, intitulada *Ele nunca fez lição de casa*, que circulou no caderno *Vida Urbana*, do dia 20/06/2008 (p. C3). A reportagem narra a história de um morador de rua da cidade do Recife aprovado no concurso do Branco do Brasil. Nesse texto, temos a presença de componentes típicos das narrativas literárias, sobretudo no que diz respeito à superestrutura, títulos, divisão em capítulos, organização espaço-temporal (cronotopo), a presença de personagens, contexto, ou seja, um plano de expressão. Temos a presença de um protagonista, o herói, compondo o texto jornalístico que traz à memória discursiva dos leitores o elo entre a narrativa do conto da criança oprimida, tal como no conto do *Patinho feio*, e o papel

desempenhado pelos indivíduos sociais. Ancoradas nesse conto, apontaremos a interdiscursividade presente no gênero reportagem a partir dos elementos de ficção do conto de Andersen (2008: 23-32 ).

Debrucemo-nos mais atentamente sobre a organização dessas narrativas literárias no texto jornalístico para, enfim, compreender essa intergenericidade.

## 2. O Conto: organização do discurso narrativo

A organização da narrativa tem sido objeto de reflexão de muitos autores. Charaudeau (2008: 151-200), ao trabalhar com *Linguagem e Discurso*, tratando do modo de organização dos discursos, aponta o papel da narração na atividade languageira. Para este autor, a “narratividade”, longe de pretender estabelecer uma tipologia para os textos narrativos, tem uma função contextual, o que exige elementos definidos como a presença de um “contador” e um contexto e não apenas a descrição de uma sequência de ações.

Dentro desta atividade de linguagem, o *contar* se apresenta como uma prática bastante antiga, sendo possível encontrá-la, desde épocas mais remotas em diferentes culturas. Olhando-a pelo viés da tradição, ela incorpora a memória coletiva de um povo, um conjunto de práticas simbólicas e regula e dita as regras de comportamento (Patrini, 2005, p. 105). Como gênero, o conto é um texto breve, tem origem nos “causos” populares, de tradição oral, traz número reduzido de personagens e tem função lúdica e moralizante com o objetivo de compartilhar fatos, sentimentos e ideias (COSTA, 2008, p. 66-67).

O conto como prática social ainda permanece muito vivo em nossa sociedade. Sua história remonta aos grupos primitivos quando os sacerdotes desempenhavam a importante função de repassar os mitos e lendas aos seus discípulos. Hoje, os homens reúnem-se à beira de uma fogueira para contar ‘os causos’ na zona rural; já a reunião com os amigos na mesa de bar corresponderia à versão urbana moderna daquele *contar* que se originou em nossos ancestrais primitivos (Patrini, 2005, p. 120).

Se quisermos buscar as origens do conto, será necessário traçar uma linha paralela à própria história da escrita. O percurso se inicia nos textos bíblicos, passando pelas obras de Homero e pelos contos do oriente representados no título *As mil e uma noites* que circularam da Pérsia ao Egito. No século XIV, o conto dá uma virada, beneficiando-se com a invenção da imprensa que reafirmava a importância estética da produção de textos da época. Neste período, surge o *Decameron*, coleção de contos de Boccaccio que teve o privilégio de ser traduzido em várias línguas.

Continuando no percurso das etapas de evolução do conto, Patrini (idem) aponta o surgimento das novelas de Miguel de Cervantes, no século XVII, e acrescenta o aparecimento dos contos da *Mamãe Gansa*, de Charles Perrault e as fábulas de La Fontaine. No século XIX, as revistas e jornais passam a publicar grande número de contos. Foi a época do conto moderno que se desenvolveu sob as influências da cultura popular e do folclore.

## 2.1 Cronotopo: o tempo e o espaço da narrativa

A reportagem aqui analisada tem como eixos de observação, do ponto de vista da narrativa, aspectos como cronotopo (Bakhtin, 2002, p. 211-362), ou seja, tempo e espaço, o narrador e a personagem.

O tempo e o espaço na narrativa apresentam uma configuração especial por se tratar de uma experiência com o mundo narrado, o que mexe com as formas de apresentar os fatos, os temas a serem narrados e os discursos que por ele passam. Muito embora esses textos não tenham apenas uma única formulação – e qual texto terá? –, a sucessão de fatos, o encadeamento progressivo e contínuo e o fechamento marcam o universo narrativo como um tipo textual com componentes definidos e uma organização interna como bem coloca Charaudeau (2008: 153). Assim, o *conto jornalístico*, aqui analisado, tem uma *apresentação* (Introdução, A mentira, A esquina), uma *complicação* (O pedaço de papel, A família, As primeiras noite na rua), um *clímax* (A virada) e um *desfecho* (O futuro).

Como categoria literária, o cronotopo, para Bakhtin (2002: 211), *determina a unidade artística da obra literária*. Para o autor, as relações cronotópicas são inseparáveis, o que pressupõe um acontecimento temático. Assim, ele coloca que *é nos cronotopos que os nós do enredo são feitos e desfeitos. Pode-se dizer francamente que a eles pertence o significado principal gerador do enredo* (p. 355). Na reportagem, o cronotopo se configura como a calçada de uma farmácia, perto das 22h, mas também nos relatos das fases de sua vida junto à família, a vida na rua, sua relação com a escola e o estudo e sua aprovação no concurso do Banco do Brasil. Observemos isso mais atentamente neste trecho da reportagem (figura 1).

vel que ele costuma mentir sobre sua origem. Prefere contar para as pessoas a versão que abriu essa reportagem. O drama comum do menino abandonado que cresceu em um orfanato. “Conto isso porque sei que é uma versão mais fácil de ser aceita”, confessa Ubiaraja.

Por quase duas horas, ele continuaria contando a sua verdadeira história. Uma espécie de conto de fadas moderno. Aparentemente uma das muitas histórias sobre a miséria de um país e as suas conseqüências trágicas na vida de uma pessoa, na desestruturação de famílias, nas distorções das formas de relacionamento.

O narrador desempenha função primordial nesse texto, porque é a partir de seu olhar, de sua presença e de sua atuação que a composição ganha vida e segue seu percurso. O narrador-observador imprimirá sua visão de mundo e narrará a partir de suas vivências com a realidade. Assim é que tratar do narrador e conhecer sua formação discursiva, seu contexto de cultura mostra como funcionam textos da tipologia narrativa. É esse narrador que marca a história de Ubiaraja como um *conto de fadas moderno* no qual o garoto humilhado pela família, considerado retardado, foge de casa e desponta como um cisne, carregado de mistério e encanto pela sua persistência.

Os efeitos discursivos do cronotopo nas narrativas dos jornais apontam para o ambiente literário infanto-juvenil marcados pela alegoria dos contos de fadas, mas também pela presença dos heróis idealizados. Essa reportagem, como aponta Charaudeau (idem), considera as questões da materialidade da linguagem, o papel do narrador e a constituição da personagem. O que se vê, então nessa linguagem é o uso de marcadores temporais, períodos simples e curtos, enredo dramático, tempos verbais que apontam para a relação entre passado e presente.

### 3. O espaço discursivo do jornal: ambiente de subversão de gêneros

As condições de produção da reportagem aqui selecionada legitimam o seu dizer. É um jornal direcionado aos leitores que se interessam pelas vivências da cidade, pois o texto circula no caderno *Vida Urbana* o qual trata dos assuntos relacionados ao cotidiano. O suporte, como coloca Possenti (2001: 20), aponta para *quais textos circulam em quais espaços e em quais épocas*. Ao ler uma reportagem no caderno *Vida Urbana*, os sujeitos lidam com a realidade dos centros urbanos e se identificam, de alguma forma, com o que está posto nas páginas dos jornais.

O espaço discursivo do jornal tem se utilizado da estratégia de desenquadrar um gênero e enquadrá-lo em outro, guardando a identidade do primeiro e ao mesmo tempo instituindo novo gênero. Na tentativa de chamar atenção dos leitores para o inusitado, percebe-se também uma preocupação particular com o jogo de relações entre os sentidos que são criados a partir do desenquadre que é dado ao gênero. A essa característica de um gênero entrar na moldura de um outro gênero Koch *et al* (2007: 64) tem denominado de *intertextualidade intergenérica*. Sobre o assunto, ao tratar da questão dos gêneros e do suporte, Marcuschi (2008: 165) ressalta que um gênero pode assumir a função de outro, o que permite observar o caráter de mescla ou hibridização dos gêneros. Neste trabalho, pretende-se observar como o texto jornalístico tem mesclado formas narrativas particulares que se configuram em gêneros nem sempre facilmente reconhecíveis, o que marca uma nova feição do jornalismo e o aproxima cada vez mais da Literatura e do fazer artístico. Assim, o chamado *jornalismo literário* (Wolfe, 2005) apresenta uma configuração discursiva híbrida, mesclando elementos do jornalismo e da literatura.

Van Dijk, ao tratar da competência metagenérica do leitor (1994; 1997, *apud* Koch *et al* 2007: 63-64) ressalta que os modelos cognitivos de contexto são os responsáveis pela relevância de cada discurso, já que eles representam “*as intenções, propósitos, objetivos, perspectivas, expectativas, opiniões e outras crenças dos interlocutores sobre a interação em curso ou sobre o texto que está sendo lido ou escrito*”. E cada realização de um discurso particular está atrelado a uma prática comunicativa. Sendo assim, os gêneros carregam em si relações intertextuais tanto no que diz respeito à forma, ao conteúdo e ao estilo quanto ao discurso circulante nos textos. E é exatamente a partir desses conhecimentos que o leitor reconhece de qual modelo cognitivo o texto se aproxima.

Na busca pelo sentido de um texto, o leitor deve procurar mobilizar as informações presentes no contexto sociocognitivo. Em alguns casos, o contexto funciona como elemento primordial para a ancoragem da informação. O gênero charge, por exemplo, exige um esforço no sentido de buscar o contexto necessário para a compreensão do projeto *do dizer* do produtor do texto, caso contrário, a compreensão fica comprometida.

Koch *et al* (2007: 75-76) considera um tipo de intertextualidade a qual chama de *intertextualidade tipológica*, uma espécie de delimitação entre as sequências ou tipos textuais, dentre os quais se incluem os segmentos narrativos, descritivos, expositivos etc., sendo que tais sequências apresentam um conjunto de características comuns no que se refere à estruturação, à escolha lexical, ao uso de tempos verbais, aos advérbios e a outros traços que permitam reconhecê-los como pertencentes a uma determinada categoria.

Para o propósito do presente trabalho, enfocaremos as sequências narrativas, embora reconheçamos a importância das demais. O estudo das sequências narrativas, como já dissemos, tem uma longa história. Muitos teóricos já se debruçaram sobre seu estudo, propondo teorias de organização textual, usando o modelo das sequências textuais. Para Adam (1992, apud Bronckart, 2007: 218),

as sequências são unidades estruturais relativamente autônomas, que integram e organizam macroproposições, que por sua vez, combinam diversas proposições, podendo a organização linear do texto ser concebida como o produto da combinação e da articulação de diferentes tipos de sequências.

Na organização da estrutura textual, é muito comum o imbricamento entre as diferentes sequências textuais, o que equivale a dizer que, dificilmente, vamos encontrar apenas uma sequência em um texto. É possível observar esse caráter “plurissequencial” dos textos, pois

diferentes sequências podem ser combinadas em um texto, em várias modalidades (encaixamento hierárquico, mesclas, etc.), é dessa diversidade de sequências e da diversidade de suas modalidades de articulação que decorre a heterogeneidade composicional da maioria dos textos”. (p. 219)

Ao tratar da sequência narrativa, o autor, apoiando-se em Adam, considera que, apesar da variação terminológica, os estudos que tratam do assunto são unânimes na consideração do fato de que uma narrativa necessita de uma sucessão temporal ou causal, acrescida de uma organização sustentada por um processo de *intriga* que segundo o autor, consiste em:

selecionar e organizar os acontecimentos de modo a formar um todo, uma história ou ação completa, com início meio e fim. Um todo acional dinâmico: a partir de um estado equilibrado, cria-se uma tensão, que desencadeia uma ou várias transformações, no fim das quais um novo estado de equilíbrio é obtido. Um todo acional igualmente produtor de causalidade: à ordem cronológica dos acontecimentos se sobrepõe uma ordem interpretativa, que fornece causas e/ou razões aos diversos encadeamentos constitutivos da história. É essa dimensão interpretativa que confere à sequência narrativa essa função de reconfiguração das ações humanas postulada por Ricoeur. (idem, p. 220)

Nas sequências narrativas, predominam características bastante marcadas, como a preferência pelos verbos de ação, tempos verbais do mundo narrado, organizadores espaço-temporais (cronotópicos), locativos, a presença dos discursos direto, indireto e

indireto livre. A ocorrência das sequências narrativas é comum nos relatos, notícias, contos, romances etc. (Koch *et al*, 2007: 76).

Vejamos alguns trechos do conto *O patinho feio* tomado como referência para observar o funcionamento do *texto jornalístico literário*:

Era verão e estava tão bonito lá no campo, com a aveia ainda verde, mas o trigo já ficando amarelo, e, sobre a relva, os feixes do feno recém-cortado, e as cegonhas andando com suas longas pernas vermelhas e falando egípcio, pois essa foi a língua que aprenderam com suas mães. Em volta do campo havia florestas, e nelas se escondiam lagos de todos os tamanhos. Sim, o campo estava realmente adorável!

[...] Ali uma pata fizera seu ninho. Estava chocando seus ovos, e um pouco aborrecida, porque estava demorando muito e quase ninguém vinha visitá-la. As outras patas preferiam ir nadar a vir lá ficar fofocando sob a folhagem.

[...] Por fim, os ovos começaram a se abrir: - Piu... piu... - iam dizendo um após o outro. As gemas dos ovos tinham ficado vivas e iam pondo suas cabeças para fora da casca.

[...] - Ah, não! O ovo maior ainda não abriu! E eu estou tão cansada de ficar sentada aqui! Quanto ainda vai demorar? - ela reclamou, e se pôs de novo a chocar o ovo.

[...] Por fim o ovo grande também se partiu. - Piu... piu... - fez o bichinho, e tropeçou para fora da casca. Era grande e muito feio.

[...] O pobre patinho não sabia o que fazer. O quanto lamentou sua própria feiúra, o quanto ficou triste! Todos só faziam zombar e rir do coitado.

Assim foi o primeiro dia; e cada um que veio depois foi ainda pior. O pobre patinho era atormentado e maltratado por todo mundo, até mesmo por seus irmãos e irmãs, que volta e meia grasnavam:

- Bem que o gato podia dar um fim em você, sua coisa feia!

Até a mãe dele disse: - Gostaria de ver você bem longe daqui.

[...] O patinho não viu outro jeito senão fugir dali.

A sequência narrativa do conto pode ser encontrada também no texto jornalístico quando o repórter estabelece as relações intertextuais. Bazerman (2006: 88) ressalta a dialogicidade como marca inevitável dos discursos presentes em todos os textos, seja como concordância, negação, refutação, crítica ou distanciamento, sempre estaremos em diálogo permanente com outros textos que habitam 'o oceano de textos' que estão a nossa volta. Sobre o assunto, comenta o autor:

(...) quando lemos ou ouvimos os outros, frequentemente nós não nos preocupamos com a origem das suas palavras. Mas, algumas vezes, começamos a perceber a importância de tais palavras ecoando outras palavras e pensamentos de um ou outro lugar. A análise dessas conexões nos ajuda a compreender o sentido dos textos de forma mais profunda. (p. 88)

É o que ocorre com o *conto jornalístico*. As relações de implicitude presentes na reportagem determinam os vários níveis de intertextualidade, ou seja, a reportagem remete ao conto do Patinho Feio de forma indireta, podendo levar o leitor para situações mais sutis, em que a origem remonta a um conjunto de ideias e crenças relacionadas ao senso comum, além de utilizar estilos de uma época ou de um autor específico e as marcas linguísticas de um determinado gênero (Bazerman, 2006, p. 92-93).

#### **4. O texto do jornal: entre a reportagem e o conto, muitas aproximações**

Nesta seção, faremos uma breve análise das estratégias de uso da intertextualidade e do modo como os jornais se travestem das narrativas infantis de outras formas textuais, na intergenericidade, mostrando como as notícias no jornal estão vinculadas a outras produções discursivas.

Considerando que a produção e compreensão de todo e qualquer texto exige que se considere a complexa rede de fatores envolvidos no processo de elaboração dos discursos, não se pode, então, analisar o texto fora do seu contexto de produção, o que significa dizer que a reportagem tem uma localização espacial, uma autoria, uma função social, uma carga ideológica evocada, mesmo que de modo sub-reptício, e esses elementos não podem passar despercebidos do processo de composição textual.

No caso do texto, percebemos que a estrutura da reportagem nos remete à memória discursiva de um modelo textual já conhecido, ou seja, o texto transporta o leitor para um livro dividido em capítulos em que a figura do menino “patinho feio” desponta como um belo cisne. O exemplo do “patinho feio”, simbolicamente rejeitado, fugitivo de sua própria identidade/imagem, traz a figura de Ubirajara, um garoto que foge da família para sobreviver ao abandono, ao escárnio. Assim como no conto, Ubirajara foge de sua condição e se esconde nas ruas frias e cruéis. “*O patinho não viu outro jeito senão fugir dali*”, narra Andersen em seu conto, para onde o repórter Fred Figueiroa encaminha o leitor do jornal. Como no conto, Ubirajara narra agressões físicas e psicológicas vividas na rua e, ainda, o desprezo e os conflitos vividos em casa, motivos pelos quais acaba fugindo da família. *Preguiçoso, teimoso, retardado* são termos marcados na memória para indicar sua incapacidade diante da vida, assim como no conto infantil a galinha marca a incapacidade do patinho de pôr ovos. E é olhando para *outros*, como no conto, que o morador de rua encontra a saída. No seu caso, a escola, a leitura.

O fio discursivo do conto desliza para a mídia e se faz presente através do reconhecimento do conteúdo ou assunto, mas pode ser encontrado também, na estruturação do texto que apresenta escolhas lexicais usadas para contar a história desse

morador de rua ao mesmo tempo em que acontece a reportagem. É exatamente o reconhecimento dos modelos cognitivos de contexto, como diz Van Dijk (idem), que nos permite ancorar o discurso do *patinho feio*, na reportagem, ao modelo do conto clássico.

Como característica da *intergenericidade*, tem-se a preocupação do jornalista com a figura escolhida para emoldurar o texto da reportagem, numa claríssima referência à imagem do medo que as crianças têm da rua, da pobreza e do abandono. É importante ressaltar que a reportagem tem uma autoria e que as marcas da posição do jornalista estão aí presentes.

A polissemia, presente na manchete que introduz o texto da reportagem (ver figura 2), acaba por imprimir um trocadilho, construindo a imagem de um mundo fantástico onde tudo se resolve num passe de mágica. Sair *do banco da praça* significa abandonar uma condição social e assumir outra na personificação da instituição financeira *Banco do Brasil*.

**DIARIO DE PERNAMBUCO**  
www.pernambuco.com

**GREVE DE ÔNIBUS**

**DO BANCO DA PRAÇA  
PARA O BANCO DO BRASIL**

**MORADOR DE RUA  
PASSA EM CONCURSO  
PARA ESCRITURÁRIO**

Ubirajara Gomes da Silva, 27 anos, filho de casa aos 15 anos, quando cursava a 6ª série. Era vítima constante de agressões físicas e psicológicas. Desde então, vive nas ruas. Dorme em bancos de praças. Em 2001, recebeu voltar a estudar, frequentar escolas públicas para ter acesso à merenda e poder contestar para viver. Mesmo morando nas ruas, conseguiu passar concurso para escriturário do Banco do Brasil em 2007. Mais de 19 mil pessoas tentaram. No final, apenas 171 foram aprovadas. Ele ficou na 130ª posição. Agora, foi chamado para trabalhar. [veja entrevista](#)

Ao prosseguir na leitura, é possível observar um texto construído a partir do interdiscurso do texto literário. O que está marcado historicamente na memória discursiva dos leitores materializa-se na superestrutura da reportagem. O contexto de produção, assim como o suporte onde circula o texto, deixa claro o gênero jornalístico, no entanto, ele pode ser comparado a um livro literário, dividido em oito capítulos nominalmente intitulados: *A mentira, A esquina, O pedaço de papel, A família, As primeiras noites na rua, A virada, Preguiçoso? O futuro*. Cada “capítulo” da reportagem aponta para o desenvolvimento da narrativa, marcado por organizadores temporais que resgatam a

história do morador de rua que de repente virou funcionário de um Banco. Os períodos curtos apontam para uma prosa poética que têm como objetivo dar um tom de emoção ao texto.

Observemos o funcionamento do texto:

[...]

Há 12 anos, Ubirajara da Silva mora pelas ruas do Recife.

### **A mentira**

Ubirajara nunca conheceu seus pais. Foi abandonado dias depois do seu nascimento e cresceu em um orfanato. Lá, dormia com dezenas de outras crianças com histórias parecidas com a sua. Com sonhos iguais aos seus. Esperavam pelo milagre da adoção, talvez pelo arrependimento dos pais; por dias melhores. Até crescerem. Até descobrirem que esses tais dias melhores não viriam. Aos 18 anos era hora de deixar o orfanato e tentar a vida nas ruas. Na rua por onde todos passam, Ubirajara ficou. Uma história que se repete pelas esquinas, pelos bancos de praça, pelos viadutos de qualquer grande cidade. Uma história que - dentro da realidade social do país - poderia ser até considerada comum. Poderia, se não fosse a história de Ubirajara. Poderia, se fosse verdade.

### **A esquina**

00h10. O jogo da seleção brasileira acabara havia poucos minutos e o fluxo de carros era um pouco maior do que o habitual para um início de madrugada em uma das esquinas mais nobres do Recife, entre as ruas das Pernambucanas e da Amizade, no bairro das Graças. Naquele horário, único movimento era o dos carros. Dificilmente passaria alguém caminhando pela calçada. E era justamente por isso que Ubirajara estava ali. Naquela esquina, ele passaria a noite. Dormiria. Era o seu endereço. Sua casa. Há 12 anos, ele vive na rua. Era uma criança de 15 anos, perdida. Hoje é um homem de 27 que, finalmente, parece ter encontrado os tais "dias melhores". Sentando no pequeno batente de uma farmácia que fica fechada entre as 22h e às 6h30, ele começa a contar a sua vida. "Minha história é inacreditável", adianta.

A presença de verbos no pretérito imperfeito, como em: *Lá, dormia com dezenas de outras crianças com histórias parecidas com a sua*; na repetição do futuro do pretérito: *Uma história que - dentro da realidade social do país - poderia ser até considerada comum. Poderia, se não fosse a história de Ubirajara. Poderia, se fosse verdade*; e no pretérito mais-que-perfeito como em: *00h10. O jogo da seleção brasileira acabara havia poucos minutos [...]* aponta para as sequências narrativas e para organizadores de espaço e tempo, tornando o texto da reportagem um intergênero.

*Ele nunca fez lição de casa* é uma reportagem que apresenta a história de um morador de rua que se assemelha ao conto literário, com direito a personagens que sofrem as angústias de uma vida difícil, mas que acabam vencendo os obstáculos e tudo

termina com um desfecho feliz. O próprio título da reportagem remete ao universo infantil ao apontar uma atividade típica dos estudantes no enunciado *fazer lição de casa*. No entanto, o dado curioso é que o discurso circulante marca o sucesso fora dessa escola, quebrando a regra de que *para ser alguém na vida é preciso ir para escola e lá fazer a lição de casa*. Essa subversão ideológica do papel da escola encontra na encenação narrativa da reportagem efeitos de suspense e expectativa, interrompidos pelo narrador-observador com o objetivo de construir a verdadeira história do morador de rua. Isso fica claro na passagem do “capítulo” *A mentira* para o “capítulo” *A família*. Assim, observa-se uma tensão entre realidade e mundo fantástico, o que institui a nova configuração textual.

Vejamos, na tabela (figura 3), categorias que marcam a interdiscursividade no plano de expressão da reportagem a partir do conto de Andersen.

PLANO DE EXPRESSÃO DO CONTO	PLANO DE EXPRESSÃO DA REPORTAGEM
<b>Título:</b> <i>O patinho feio</i>	<b>Título:</b> <i>Ele nunca fez lição de casa</i>
<b>Representação espaço-temporal (cronotopo):</b>	<b>Representação espaço-temporal (cronotopo):</b>
<p><b>Espaço: floresta</b>  <i>Era verão no campo, havia florestas, e nelas se escondiam lagos de todos os tamanhos. Sim, o campo estava realmente adorável!</i></p> <p><b>Tempo marcado pelas estações do ano:</b>  <i>Era verão;            Veio o outono e as folhas ficaram amarelas e marrons;            Os dias ficaram cada vez mais frios; A primavera chegara!</i></p>	<p><b>Espaço: cidade</b>  <i>Sentado no pequeno batente de uma farmácia que fechada entre as 22h e às 6h30, ele começa a contar a sua vida; Naquela esquina, ele passaria a noite. Dormiria. Era o seu endereço. Sua casa. Há doze anos, ele vive na rua.</i></p> <p><b>Tempo material</b></p> <p><i>00h10. O jogo da seleção brasileira acabara havia poucos minutos; início de madrugada em uma das esquinas mais nobres do Recife, entre as ruas das Pernambucanas e da Amizade, no bairro das Graças.</i></p> <p><i>00h40. Ubirajara está chorando. Pela primeira e única vez na madrugada.</i></p> <p><b>Tempo metafórico</b> (com forte emocional; é o tempo da mudança de vida): <i>A mentira, A esquina, O pedaço de papel, A família, As primeiras noites na rua, A virada, Preguiçoso? O futuro.</i></p>
<b>Personagem:</b> (O patinho feio)	<b>Personagem</b> (Ubirajara)

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Era grande e muito feio;</li> <li>• É enorme para a sua idade;</li> <li>• Não parece nem um pouco com os outros;</li> <li>• Era atormentado e maltratado por todo mundo, até mesmo por seus irmãos e irmãs;</li> <li>• diz um monte de bobagens;</li> <li>• e nem mesmo é divertido;</li> <li>• deve estar ficando maluco;</li> <li>• ele não era mais um patinho esquisito, estabonado e cinzento, tão desajeitado e tão feio. Ele era um cisne!</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Praticamente não existia para a sociedade;</li> <li>• Morador de rua; pobre, mas não miserável;</li> <li>• Retardado;</li> <li>• Estudante;</li> <li>• Era uma criança de 15 anos, perdida. Hoje é um homem de 27 que, finalmente, parece ter encontrado os tais “dias melhores”;</li> <li>• No Orkut consegue ser alguém;</li> <li>• Aprovado no concurso do Banco do Brasil.</li> </ul>
---	--

## 5. Considerações finais

Do que vimos na análise dos textos, percebemos que o uso que o autor fez da intergenericidade vai além da identificação das marcas linguísticas do texto narrativo dentro da reportagem, mas o novo enquadre engendra novo discurso, imprimindo efeitos de sentido que compactuam com os movimentos feitos pela sociedade. As esferas sociais da linguagem irrompem atividades languageiras que misturam formas e discursos num novo enquadre, mostrando que um gênero desliza para o outro para significar fatos marcados histórica e ideologicamente.

## 6. Referências

- ANDERSEN, Hans Christian. **Os mais belos contos de Andersen**. São Paulo: Moderna, 2008.
- BAKHTIN, M. **Questões de estética e literatura. Teoria do romance**. São Paulo, Hucitec/Editora da Unesp, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAZERMAN, C. **Gênero, Agência e Escrita**. Dionísio e Hoffnagel (Org.). São Paulo: Cortez, 2006.
- BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos para um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo. Educ., 2007.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COSTA, Sérgio R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DIONISIO, Angela P; MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FIGUEIROA, Fred. **Ele nunca fez lição de casa**. Diário de Pernambuco, Recife: 20/06/2008. Caderno Vida Urbana, p. C3, 2008.
- KOCK, I.; BENTES, A.C.; CAVALCANTI, M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes. \_\_\_\_\_ (2002) **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 1997.

- MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.
- POSSENTI, Sírio. Sobre a leitura – o que diz a Análise do Discurso. In: MARINHO, Marildes. **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: ALB, 2001.
- WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.